

**QUEM SOU EU? NORDESTINA, MULHER, TRABALHADORA E
MILITANTE: IDENTIDADES E ESCRITAS DE SI NAS MEMÓRIAS DE
LUÍZA ERUNDINA DE SOUSA (1934 -)¹**

Roger Camacho Barrero Junior

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Email: r.cb.j@hotmail.com

Resumo

Luíza Erundina de Sousa nasceu em Uiraúna – PB em 30 de novembro de 1934. Filha de trabalhadores rurais, migrou em mais de um momento e teve de morar com uma tia para concluir o curso colegial. Gradou-se em Serviço Social pela UFPB e fez mestrado na FESP-SP. Perseguida ao retornar à Paraíba, decidiu se mudar para São Paulo em 1971, onde se tornou funcionária pública municipal e professora universitária. Nosso objetivo neste texto não é fazer uma cronologia da vida de Erundina, mas analisar como ela constrói suas identidades de origem, gênero e classe a partir de suas experiências familiares, profissionais e acadêmicas. Lembrando que nossa personagem não pode ser vista como alguém apartado do coletivo, refletiremos sobre como essas vivências nos auxiliam a pensar nas relações entre indivíduo e sociedade. Assim, Luíza muitas vezes relembra aquilo que viveu com o intuito de se interpretar, entendendo-se como mulher, nordestina, trabalhadora e militante. Por fim, e não menos importante, visamos desconstruir linhas de continuidade presentes em tais narrativas para analisar nossas fontes com um olhar crítico, contudo, sem desconsiderar o ponto de vista daquela que nos conta a sua história.

¹ Este texto é uma versão resumida de uma seção (*Migrar, trabalhar e estudar. Sempre! Luíza Erundina de Sousa*) do primeiro capítulo de minha tese de doutorado, ainda em construção, sob orientação do professor doutor Benito Bisso Schmidt. A pesquisa foi iniciada em 2017 e se volta para a trajetória de Lélia Abramo (1911 – 2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 -) e Irma Rossetto Passoni (1943 -). O trabalho é financiado pela CAPES.

Palavras-chave: Trajetórias de vida; História das mulheres; Identidades

Introdução

Luíza Erundina de Sousa nasceu em Uiraúna – PB no dia 30 de novembro de 1934. Era filha de trabalhadores: Antônio Evangelista de Sousa e Enedina de Sousa Carvalho, os quais tiveram dez filhos (incluindo Luíza), dos quais oito sobreviveram. Durante sua infância migrou mais de uma vez devido à seca e morou com sua tia, Lindarosa, momento no qual concluiu o *colegial* e começou a trabalhar como vendedora. Anos depois, como professora, Luíza trouxe parte de sua família para morar consigo em Campina Grande – PB, permanecendo ali até 1964, quando conseguiu emprego em João Pessoa – PB e transferiu-se para a cidade, passando a estudar na UFPB. Entre 1968 e 1969 realizou um mestrado em São Paulo. Retornou posteriormente à Paraíba, mas devido a ameaças políticas voltou à capital paulista em 1971, onde alguns anos depois se tornou funcionária pública municipal no cargo de assistente social. Ainda, atuou como docente no Ensino Superior entre 1973 e 1982, quando se elegeu vereadora na cidade de São Paulo. Tais fatos surgem em mais de um momento nas memórias de Erundina servindo de alicerce para a construção de identidades de origem, classe, gênero e política. Mas, antes de qualquer coisa, devemos realizar uma breve discussão teórica para analisar os principais pontos deste texto.

Primeiramente, ao tratar de fontes de memória, nos utilizaremos dos conceitos de Alistair Thomson (1997) e Michael Pollak (1989; 1992). O primeiro autor diz que uma pessoa *compõe sua memória* na medida em que tem contato com lembranças de sujeitos com vivências semelhantes às suas, reconhecendo-se como parte delas e reformulando, conseqüentemente, suas próprias recordações e identidades. Michael Pollak (1989) escreve que a memória é *enquadrada* com base em uma seleção de fatos e/ou traços para atender a interesses e necessidades individuais ou coletivas e assim construir e preservar uma imagem sobre fatos, períodos ou mesmo pessoas. Ele diz também que elementos de narrativas coletivas podem surgir nas lembranças de sujeitos

específicos, na medida em que esses agentes se reconhecem como parte de um grupo (POLLAK, 1992).

No que tange as relações entre indivíduo e sociedade, Pierre Bourdieu (2009) escreve sobre os capitais, os quais seriam elementos simbólicos (e não necessariamente econômicos) utilizados para a inserção de uma pessoa em um grupo social (academia, política, trabalho). Contudo, tais jogos de trocas abririam possibilidades para alguns espaços, mas não em outros. Já Gilberto Velho (1999) mostra que os sujeitos constroem *projetos* para alcançar determinados fins, mas que eles são limitados a um *campo de possibilidades* condicionado social e temporalmente. De acordo com o autor, as pessoas ainda *metamorfoseiam* seus planos na medida em que tomam contato com outros agentes e situações.

Bourdieu (2015) também alerta para o risco de naturalizarmos o que ele chama de *ilusão biográfica*. De acordo com o autor, as pessoas partem de uma noção essencialista de suas vidas para lhe dar um sentido, surgindo em muitos relatos como forma de auto compreensão. Dessa forma, expressões como *desde que nasci* ou *desde sempre* dariam uma sensação de continuidade e homogeneidade para a trajetória desses agentes, o que deve ser lido com cautela por quem se debruça sobre uma vida.

Por fim, tratamos de gênero e citamos primeiramente as ideias de Joan Scott (1991). De acordo com a autora, as relações binárias construídas entre homens e mulheres não dão conta de explicar a diversidade de experiências e representações desses sujeitos e que existem diferentes *masculinidades* e *feminilidades*. Nesse sentido, uma mulher que é mãe e casada seria vista de uma maneira diferente de uma outra solteira e sem filhos. Por meio dessas representações surgem hierarquias sociais e consequentemente barreiras ou possibilidades para os projetos de inserção dessas pessoas. Já Lia Vainer Schucman (2012) mostra como as diferentes hierarquias sociais de *branquitude* são construídas, dentre outras questões, pelo gênero. Partindo dessas ideias, seriam delegadas certas características às mulheres brancas (como um fenótipo europeu e um capital econômico expressivo). Contudo, aquelas que não atendessem a esse padrão estético e econômico teriam menos possibilidade de inserção social, o que, segundo a autora, atingiria principalmente trabalhadoras de origem nordestina nas

capitais do Sudeste, devido ao fato de serem representadas pejorativamente como opostas a tais modelos eurocêntricos.

Uma mulher, suas identidades e diferentes campos de possibilidades

Sou migrante. Esta é a trajetória de minha vida. Minhas raízes estão arraigadas na terra seca do Nordeste brasileiro, no Estado da Paraíba, na cidadezinha de Uiraúna, onde nasci. Desde pequena, com toda a família, vivenciei a experiência dos retirantes que fogem do flagelo da seca, ainda endêmico na região. A primeira vez foi em 1942, quando minha família emigrou de Uiraúna para Crato, no Ceará. Tinha oito anos. Os homens, meu pai à frente, andavam a pé, assim como minha mãe. Nós, as crianças, na sela dos burros em meio às malas. De noite tinha medo do escuro e também do passo muito lento de nossa caravana. De dia, padecia de calor e de sede, mas não chorava: aos oito anos de idade já sabia que não adiantava chorar. (BIMBI, 1996, p. 21)

Luíza inicia seu relato a Linda Bimbi dessa forma. Lembrando que uma produção autobiográfica não é fabricada por um único sujeito (uno e homogêneo), entendemos, assim como Phillippe Lejeune (2014, p. 133), essa fonte como um *relato de vida* e que mesmo transcrito por outros, nos auxilia a refletir sobre a forma como Luíza se interpreta. Nesse texto, a narrativa é iniciada pela seca, a qual é seu elemento central. Tal representação, contudo, não é exclusiva de Luíza, mas está presente nas representações de outros sujeitos. Sobre tal ponto, Durval Muniz Albuquerque Junior (2011) escreve que esse elemento foi atribuído em diferentes momentos aos Estados do Nordeste, auxiliando para a formação de uma unidade imagética sobre a região. Assim, dentre as diversas vozes que contribuíram para isso, os grupos tradicionalistas ressaltavam características físicas e climáticas, a fim de distinguir o Nordeste do restante do Brasil. Outros, se focavam na seca para atrair atenções e investimentos, tendo em vista uma economia em crise desde a virada para do século XIX para o XX. De toda forma, Durval Muniz (2011, p. 128) explica que os *Romances de 30* contribuíram para a circulação e absorção dessas imagens e, para além do fator experiencial, Luíza provavelmente teve contato com elas em sua infância e juventude na escola ou em conversas do seu entorno, dentre outras possíveis referências.

Os fatos narrados por Erundina tratam do início de deslocamentos coletivos para o Sudeste (FONTES, 2008). Em grande parte, até a década de 1930 muitas famílias migravam para as capitais de seus Estados ou para metrópoles do interior, como o Crato (interior do Ceará). Ronald Albuquerque Filho (2015) diz que os rios dessa região traziam pessoas em busca de água nos períodos de seca. De acordo com o autor, a noção de que o Crato seria um local de chegada era reforçada por memorialistas locais, o que acabava fomentando a busca por trabalho e moradia na cidade. Tais memórias podem ter circulado entre os moradores de Canaã/Uiraúna, contribuindo para a construção de seus imaginários coletivos, o que somado à proximidade relativa entre as duas municipalidades, talvez tenha influenciado na escolha do local pela família de Luíza. Essas imagens surgem também em outros momentos, como em uma entrevista concedida posteriormente à FGV:

Nasci numa cidadezinha do serão da Paraíba, chama-se Uiraúna, no dia 30 de novembro de 1934. Sou filha de uma família numerosa, eram dez irmãos. Dois morreram ainda criança, e nós oito, de uma certa forma, fomos nos espalhando pelo país fora porque, a cada seca que tinha no Nordeste, minha família migrava e meus irmãos mais velhos iam ficando nos lugares para onde a família tinha ido (...). Meu pai era agricultor, mas durante o período de inverno, de plantio e de colheita, é que ele trabalhava na roça. Nos meses que não tinha atividade na roça, ele se dedicava à atividade artesanal; trabalhava com couro. Era um artesão, trabalhava muito bem o couro: fazia sela para animais, arreios.... Tinha fama de que as selas que fazia não machucavam os animais. E ele fazia o processo inteiro: ia pegar madeira para fazer o suporte da sela, curtia o couro para poder fazer a montagem da sela etc. E nós, crianças, inclusive, participávamos desse processo artesanal, bordando a sela... (...) (SOUSA, 2002, p. 1)

Nos casos aqui apresentados a migração é o ponto de partida de Luíza. Ao recordar, ela expõe como tais fatores interferiram em sua família, separando seus membros. Além do mais, seus genitores ganham destaque logo no começo da narrativa. Percebendo-os como trabalhadores, Erundina entende que a condição social de seus genitores e irmãos formou o seu senso crítico. Sobre tais pontos, Albuquerque Junior (2011, p. 208 – 209) escreve que a seca aparece na fala de intelectuais como forma de gerir uma imagem de revolta sobre a população rural dos Estados do Nordeste. Segundo o autor, tal perspectiva ainda diria que os problemas climáticos, a carência de regiões do interior e a repressão imposta pelos coroneis fomentariam atos de rebeldia. Nesse sentido, a Luíza que narra provavelmente já havia tido contato com livros de Graciliano

Ramos e filmes de Glauber Rocha, instituintes desse ponto de vista (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 256; 312).

Além do mais, Erundina provavelmente se utiliza de lembranças transmitidas por seus familiares para refletir sobre si e sua origem. Contudo, mesmo sem negar a contribuição de seu pai, ela abre mais espaço à trajetória de sua mãe, compondo uma narrativa matriarcal sobre a sua família. Tal perspectiva é utilizada para compreender suas decisões, sua carreira profissional e sua militância política. Em uma entrevista realizada posteriormente, ela diz que sua mãe:

(...) era uma mulher muito forte, inclusive para segurar a barra, como se diz, de uma família numerosa, com tantas dificuldades. Era uma mulher muito forte e ajudava meu pai na manutenção da família, trabalhando: fazia bolos, torrava café e vendia na feira da cidadezinha nos domingos. E fazia todo o trabalho doméstico. Era uma mulher muito forte, muito corajosa. Era o esteio da família, porque meu pai, como artesão, como artista, era uma pessoa muito sensível e, a meu ver, com dificuldade de enfrentar a dureza da vida. Minha mãe é quem dava o suporte, a firmeza, segurava a barra de uma família numerosa. Os irmãos mais velhos eram homens e as filhas mulheres eram as mais novas (...). Não me lembro de ter tido infância, porque já criança a gente estava ligada aos problemas dos adultos: tinha preocupação se ia chover ou não ia chover. A gente já aprendia a observar o horizonte para saber se tinha sinais de chuva ou não. (SOUSA, 2002, p. 1 – 2)

A narrativa em questão coloca a imagem de Enedina de Sousa Carvalho como o centro da família. A representação de uma mãe forte surge como elemento para a percepção de que suas irmãs e irmãos se apoiariam nesse membro, mesmo sem desconsiderar o trabalho de seu pai, Antônio Evangelista de Sousa. Essa memória matrilinear aparece em outros momentos, como em um texto escrito para a revista *Leia FELC de Uiraúna – PB*:

Falo de Dona Nonossa [sic.], minha avó materna, nossa inesquecível Bavéi. Era assim que nós, seus netos e netas, carinhosamente a chamávamos. Mulher humilde, mas muito respeitada na comunidade pela sua autoridade, sabedoria e bondade com as pessoas, principalmente as mais pobres (...). Muito jovem ainda, numa madrugada fria, fugiu de casa (...). Bavéi era o porto seguro da família. Quando tínhamos que migrar para fugir da seca, ela ficava com parte dos netos, até que a chuva chegasse e a família pudesse voltar (...). Minha avó teve muitos filhos e, o grave, todos eles nasceram sem visão e morreram crianças. Só duas filhas sobreviveram (...), minha mãe Enedina e minha tia Lindarosa. Por isso, quando eu estava para nascer, ela, temendo que eu nascesse sem visão. Fez uma promessa a Santa Luzia, protetora das pessoas com deficiência visual, que meu nome seria Luzia. No entanto, por engano, o escrivão do cartório escreveu na Certidão de Nascimento o nome Luíza. (...) (SOUSA, 2017, p. 20 – 23)

Suas memórias centram-se em parentes de sua linhagem materna. Sendo assim, Luíza enquadra (POLLAK, 1989) a imagem de sua avó por meio de características como a rebeldia e a coragem, características muitas vezes atribuídas ao trabalhador sertanejo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011). Para tanto, ela provavelmente se utiliza de lembranças transmitidas por sua mãe, avó e tias para construir a sua narrativa. A militante dá centralidade à trajetória de Dona Nozinha não apenas ao se perceber como herdeira de suas características, mas para apresentá-la aos leitores de Uiraúna como um personagem histórico da cidade e assim preservar a sua memória.

Esse relato matrilinear também pode ter sido gestado a partir dos discursos ouvidos durante a sua militância. Muitos movimentos de mulheres ressaltavam a autonomia e a ação de sujeitos do sexo feminino (PINTO, 2003; SCAVONE, 2001). Dessa forma, ela se utiliza desses repertórios para se reconhecer como uma representante de pautas de gênero e ainda compreender os caminhos trilhados em sua trajetória política. Além do mais, Luíza se utiliza de lembranças coletivas para compreender sua origem, podendo assim se identificar como parte de um grupo (POLLAK, 1992). Nesse sentido, migração, festas e pessoas servem de apoio para a construção da sua memória pessoal e familiar. Em tal processo de gestação de sua escrita de si outras mulheres acabam surgindo, como em seu relato concedido a Linda Bimbi:

O estudo passou a ser decisivo, e devo muito a minha professora do primário, dona Palmira, também nordestina e viva até hoje. Uma mulher fantástica que me transmitiu bases sólidas de rigor gramatical. Quando terminei o último ano do primário, meu pai não tinha condições econômicas de me mandar para outro lugar a fim de continuar os estudos (...). A solução veio de tia Tina Rosa, a irmã mais nova de mamãe (...). Essas duas mulheres moravam em uma outra cidade do nosso Estado, Antenor Navarro, sede do município ao qual o nosso distrito pertencia. (...) Meu pai me acompanhou a cavalo e me disse: “Se este ano não chover, terá que interromper os estudos”. Mas o inverno de 1947 foi generoso no sertão da Paraíba e continuei os estudos (...). Assim comecei a migrar para estudar. Após algum tempo, minha prima Irene arrumou trabalho em Patos e nos transferimos de novo com ela. (BIMBI, 1996, p. 23 – 24)

As memórias escolares de Luíza também se voltam para figuras femininas. Mesmo sem negar a contribuição de seu pai, ela entende que a possibilidade de ter estudado lhe auxiliou a realizar outros projetos. Ao tratar deles, a militante traz à tona

suas experiências com a migração. Associando tais fatores à sua trajetória, Luíza reforça seus pertencimentos a grupos de trabalhadores que tiveram de se deslocar devido à seca, reconhecendo suas motivações como parte dos anseios desses sujeitos e possivelmente compondo a sua memória com base naquilo que ouviu de tais pessoas (THOMSON, 1997). Em suas lembranças, a escola aparece como uma ruptura com os problemas decorrentes da seca. Mesmo assim, as dificuldades com relação à necessidade de estudar não foram silenciadas em seu relato, compreendendo que a sua possibilidade de permanecer naquele espaço foi fruto do trabalho coletivo de seus familiares. A representação da migrante nordestina ganha agora novos contornos, porém, certos elementos permanecem na sua fala. Rebeldia, deslocamento, e problemas socioeconômicos não deixam de surgir nas narrativas. Em outro momento ela trata da contribuição familiar focando-se na proximidade afetiva com o seu pai:

Meu pai era uma pessoa muito sensível e eu tinha uma afinidade muito grande com ele. Ele percebia a minha vontade de estudar (...). Eu tinha uma tia, irmã da minha mãe, era a única irmã dela. Chamava-se Rosa, e tinha uma filha mais velha, chamada Irene. (...). Então, essa minha tia foi para uma outra cidade onde tinha colégio e essa minha prima, Irene, era quem sustentava a família. Minha tia era costureira, costurava muito bem, mas também tinha uma dificuldade muito grande para manter uma família de oito pessoas. (...). Foi graças a elas que eu estudei (...). E a minha situação na família era uma situação desconfortável, porque eu via que minha tia já tinha dificuldade de manter alimentados os filhos (...). Mas aí, consegui. Terminou havendo inverno naquele ano. Minha tia continuou na casa dela, eu fiz o exame de admissão, e o ginásio. Quando terminei o ginásio, entendi que minhas irmãs mais novas não teriam condições sequer de chegar aonde eu tinha chegado. Aí resolvi trabalhar e estudar para poder trazer minha mãe e minhas irmãs menores, para elas poderem fazer o exame de admissão e, pelo menos, terem o curso ginasial. (SOUSA, 2002, p. 3 – 4).

Compreendendo-se como nordestina e migrante, Luíza reforça sua escrita de si enquanto rebelde. Entretanto, essa percepção não é algo nato e possivelmente se formou na relação que teve com pessoas que tiveram experiências próximas às suas (THOMSON, 1997). Lembrando que nossa personagem deu os relatos aqui apresentados após se inserir nos meios políticos, muitos dos repertórios utilizados por ela vieram de um momento pós-chegada a São Paulo. Durval Muniz (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 70 – 71) mostra que as imagens acerca da população dos Estados do Nordeste foram construídas na oposição com as cidades do Sudeste e do Sul e muito do que foi atribuído à região veio de falas desses centros urbanos. A maneira como Luíza

foi vista por seus novos vizinhos vinha em parte de referências como essas. Mesmo assim, as imagens externas poderiam servir de apoio para a manutenção de suas identidades e percepções de si (WEBER, 2004), na medida em que reforçavam pertencimentos e performatividades em um território estranho.

Durval Muniz (2011) escreve que a figura do sertanejo foi utilizada tanto para homenagear, quanto para discriminar aqueles que chegavam dos Estados do Nordeste. Luíza circulou posteriormente entre esses sujeitos e, lembrando da possível permanência de tais concepções, pode ter selecionado elementos retóricos para a manutenção de suas identidades. Dessa maneira, a assistente social se apropriou dessas representações para se compreender, reconhecendo-se como parte de uma militância. Ela ainda construiu parte de seu capital político a partir de sua origem, vista a presença expressiva de outros migrantes nos espaços pelos quais circulou.

Lembrando que os pertencimentos são constantemente reformulados (WEBER, 2004), Luíza se construiu com base nos diferentes momentos nos quais se deparou com falas, gestos ou olhares sobre a sua origem, classe ou gênero. Talvez com o objetivo de romper com uma imagem viril acerca do trabalhador nordestino, Luíza dá centralidade à participação ativa de mulheres em sua trajetória, percebendo-as como quem contribuiu de alguma forma na efetivação de seus próprios projetos. Ao mesmo tempo, ela dissocia essas pessoas da rudeza e da violência, atributos muitas vezes postos sobre esses migrantes para discriminá-los.

Tendo a visão daquela que partiu, Luíza pode ter notado incoerências entre aquilo que experienciou na Paraíba e o que as pessoas imaginavam que ela viveu. Ela reconhece seus familiares, amigos e a si própria como nordestinos, afastando-se de certos estereótipos, mas reforçando aquilo que lhes daria uma visão positiva, como a força, o trabalho e a solidariedade. Mesmo assim, devemos levar em consideração que a proximidade construída com outras mulheres pode ter influído em sua percepção dos fatos. Em meio a relações apartadas entre os gêneros, Luíza formou laços mais estreitos com elas em certos momentos de sua vida. Tais questões não deixaram de ser percebidas em seu relato de vida transcrito por Linda Bimbi:

O estudo me apareceu então como instrumento para romper o cerco da miséria e o círculo vicioso dentro do qual via aprisionadas as mulheres mais

velhas: a seca, a migração, o inverno e o destino de se casar e de ter filhos que seriam, por sua vez, oprimidos pelo mesmo mecanismo implacável. Recusei-me a fazer parte do jogo: queria ser livre para assumir responsabilidades coletivas. (...) (BIMBI, 1996, p. 23).

Ao se colocar como sujeito ativo, Luíza nota mais uma vez como a escola lhe deu condições para conseguir modificar sua posição social, mas se identificando como parte daqueles que ainda sofriam com a seca e as opressões de classe. Suas atividades profissionais e acadêmicas possivelmente também contribuíram para a formação dessa perspectiva. Nas memórias transcritas por Linda Bimbi ela ainda diz que:

Entendia que o casamento seria uma coisa minha, individual. A escolha feita no início da adolescência foi tão marcante que até hoje exerce influência positiva e negativa na minha vida. Não gosto de falar de renúncia, de sacrifício, pois sei que optei e opto por um fim que me dá uma sensação de plenitude, que me realiza. No entanto, meu caso revela o drama de muitas mulheres. A sociedade brasileira não prepara a mulher para o exercício do poder, não é organizada de modo a deixá-la participar da luta política (...). No Brasil, o machismo vive dentro da mulher e a discrimina; conseqüentemente, surgem os excessos do feminismo, que provocam, por sua vez, um retrocesso do fenômeno na classe média alta. Já as mulheres do povo não conhecem esses excessos porque estão envolvidas prioritariamente nas lutas sociais. Tenho em mente muitas mulheres do PT e de outros partidos que sofreram e sofrem, assim como eu, essa discriminação (BIMBI, 1996, p. 26).

Podendo olhar com distanciamento, Luíza entende que a sua escolha por não se casar seria um ato rebelde. A partir disso, ela se identifica com outras mulheres e ressalta os problemas decorrentes das relações de gênero, estabelecendo ainda uma linha de continuidade entre as experiências de Uiraúna e as de São Paulo. Luíza cursou Serviço Social e militou entre as décadas de 1960 e 1970, num período de discussões em torno do casamento e da maternidade (SCAVONE, 2001), e possivelmente formou os seus imaginários em meio a essas discussões. Nesse sentido, ela pôde perceber certas opressões e interpretar sua escolha como um rompimento com expectativas impostas a outras mulheres. Luíza talvez já notasse, naqueles anos, alguns problemas no cotidiano de vizinhas e parentes casadas. Mesmo assim, sua noção de machismo provavelmente não surgiu naquele período, mas foi fruto daquilo com o que teve contato posteriormente. Ao se identificar com outras mulheres, ela se distancia daquilo que considera de classe média e critica posturas de grupos feministas identificados como distantes dos movimentos populares.

Chegando em Campina Grande, Luíza conseguiu emprego na educação em uma instituição religiosa com a ajuda de uma amiga que era freira. Sendo mulher, ela poderia se aproximar com mais facilidade de religiosas, o que talvez lhe auxiliou a construir uma rede de sociabilidade e se tornar docente em uma instituição católica, conseguindo arrecadar dinheiro para trazer sua família a Campina Grande. Dentre as clérigas presentes na cidade, Erundina se aproximou de Irmã Zuleide Porto, a qual lhe auxiliou nesse e em outros momentos. Ao tratar do assunto em entrevista, esses laços foram levados em consideração:

Trabalhei em uma loja de secos e molhados, como se diz, que era de um parente meu, um primo meu. Foi meu primeiro emprego (...). Fiquei um tempo com esse primo meu e depois uma amiga minha, freira, irmã de caridade, conseguiu um trabalho para mim na própria escola onde ela trabalhava. Ela dirigia essa escola e eu fui lecionar nessa escolazinha. Fazia de tudo. Canto orfeônico. Enfim, trabalhava em várias coisas naquela escola. E foi um meio que tive para ajudar a manter minha família e estudar à noite. Eu fazia o curso colegial à noite, o curso científico de três anos. Eu trabalhava durante o dia e estudava à noite em um colégio estadual (SOUSA, 2002, p. 4).

O trabalho rural surge como constituinte do cotidiano da família de Luíza. Percebendo a distância de seu pai, ela se compreende como mantenedora de seus pares. Mesmo assim, a opção por auxiliá-los financeiramente aparece como algo que a impossibilitou de ingressar no Ensino Superior, rompendo com seus projetos de se tornar médica. Seguindo o relato, ela atribui novamente à sua tia a possibilidade de estudar:

Retomo a minha trajetória de migrante a partir de 1964, quando pude me transferir para João Pessoa, para me matricular na universidade. Renunciei à medicina porque em todos aqueles anos tive experiências que me orientaram para outra direção. Quis me tornar assistente social. Tive um contato decisivo com numerosos aspectos do meu Nordeste quando trabalhava como assessora, em Campina Grande, do secretário municipal de Educação e depois como funcionária do Departamento de Serviço Social. Em 1958, ano de terrível seca, viajei por todo o estado da Paraíba acompanhando o governador José Américo de Almeida, Lembro-me de sua mala cheia de dinheiro que distribuía inutilmente à gente atingida pela seca, que quase morria de fome. As cenas que vi naquela ocasião me marcaram por toda a vida (...). O fato de ter vivido e estudado na capital, mais uma vez morando com tia Tina Rosa e prima Irene, deu uma reviravolta decisiva na minha trajetória. As minhas atitudes profissionais assumiram caráter político (BIMBI, 1996, p. 26 – 27).

Luíza entende que seus empregos da década de 1950 lhe auxiliaram a cursar Serviço Social e, para tanto, faz uma retrospectiva dos eventos que considera mais importantes em sua carreira profissional. Analisando esses fatos, devemos lembrar que a partir de suas amizades com religiosas e sua experiência na docência, Luíza pôde se aproximar do secretário municipal Edvaldo do Ó, tornando-se sua assessora, vindo a participar em 1958 do projeto de instalação da Escola de Serviço Social de Campina Grande.

Nesses anos, os debates em torno do Serviço Social se pautavam na atuação conjunta com o Estado, fazendo com que essas profissionais visassem construir projetos e políticas públicas em prol do desenvolvimento nacional (IAMAMOTO e CARVALHO, 2006, p. 340 – 341). Em meio a tais reformulações teóricas, o Movimento de Reconceituação questionava a proximidade do Serviço Social com a Igreja Católica, visando uma intervenção crítica e opondo-se ao modelo assistencialista então vigente (SILVA et al., 2016). Transferindo-se para a UFPB em João Pessoa – PB, Luíza foi mandada para um período de estágio no bairro do Cordão Encarnado, onde trabalhou até 1966, quando se formou. Em meio a esses repertórios, Erundina se muda para São Paulo em 1968 para iniciar o seu mestrado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP – SP). Segundo Iamamoto e Carvalho (2006, p. 346 – 347) a partir da década de 1960 muitos assistentes sociais passaram a se pautar em leituras da Psicologia Social, o que auxiliou provavelmente na formação dos repertórios de Luíza, o que não deixa de surgir em suas memórias:

(...) havia um conflito. Nós já estávamos com um engajamento na ação social concreta, com o povo. E nós estávamos estudando muito fora da faculdade. Estudávamos mais fora do que na faculdade. (...). E aí houve um conflito porque a gente às vezes sabia mais do que alguns dos professores. Sabia mais no sentido das questões que estavam postas na realidade, ali, naquele momento. Então, eram tensas as relações dentro das faculdades, em Campina Grande e em João Pessoa, particularmente em João Pessoa. Havia esse conflito entre uma geração que estava crescendo a partir de outras referências, de outros compromissos, de outra visão de mundo, de sociedade, e com um curso, no caso de João Pessoa, que era mais antigo, com uma marca religiosa muito forte (...). Lembro-me de um caso, me parece que foi em Campina Grande. O Serviço Social tem uma marca feminina muito forte, é predominantemente constituído de mulheres. E tinha um rapaz que queria fazer o curso de serviço social. Aquilo foi motivo de um grande conflito, porque nós éramos favoráveis e na faculdade, aí no caso em Campina Grande, as religiosas resistiam à entrada dele (SOUSA, 2002, p. 10 – 11).

Luíza se utiliza de uma noção reconceitualista para entender a sua graduação. Para tanto, ela diz que buscou uma atuação engajada com a periferia e o campo. Percebendo-se como rebelde, Erundina cita um caso no qual um homem queria entrar no curso de Serviço Social da UFPB, mas sofreu resistência por parte da direção, tendo, porém, o seu apoio e de outras estudantes. Titulada Mestra em Ciências, ela voltou à João Pessoa em 1970, mas foi perseguida. Retornando a São Paulo, ela morou na Saúde (bairro de classe média da Zona Sul), o que foi possibilitado pelas relações construídas pela professora e assistente social, a qual tinha amigas e familiares residentes na cidade. Sobre tais fatos, Luíza diz em uma entrevista posterior que:

Eu tinha horror daquela cidade. Era uma violência, uma violência em todos os sentidos: o trânsito, aquela invasão de informações.... Embora eu já conhecesse Recife, era outra coisa. E eu não estava disposta a viver ali (...). Fui trabalhar nas favelas e aí foi fantástico, porque fui trabalhar com aquela população, com o povo que vinha do campo. (...) Grandes levas de pessoas começaram a migrar para os grandes centros urbanos, principalmente para São Paulo, e eu fui trabalhar nas favelas. Não eram exatamente as mesmas pessoas, mas era o público com quem eu trabalhei na luta pela terra no campo. Quando cheguei, encontrei o mesmo povo lutando por um pedaço de chão para morar (SOUSA, 2002, p. 16).

Luíza nota uma linha de continuidade entre a sua militância na Paraíba e o trabalho em São Paulo. Mudando-se definitivamente para a capital paulista em 1971, seu capital acadêmico provavelmente não anulava a possibilidade dela sofrer discriminação pela sua origem. Em meio a um fluxo expressivo de trabalhadoras (es) dos Estados do Nordeste, Luíza era vista genericamente como parte desses grupos, silenciando na interpretação de muitos a especificidade de suas motivações.

Como funcionária administrativa, Luíza somente passou a atuar como assistente social após realizar um concurso público para ingressar no funcionalismo municipal paulistano. Assim, trabalhou em Guaianazes (extremo da Zona Leste) e em favelas próximas à Vila Maria (Zona Norte). Em 1973 conseguiu emprego nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) (SOUSA, 2002, p. 22 – 23), onde lecionou no curso de Serviço Social até 1982, quando foi demitida após ser eleita vereadora em São Paulo. Na construção da narrativa de Luíza, a militância passa por toda a sua trajetória. Apresentando-se dessa forma, ela entende que não apenas a atuação com moradores das

periferias urbanas, mas a sua atividade docente também fazia parte de um projeto maior de intervenção social.

Considerações Finais

As identidades são construídas por diferentes fatores dentre experiências de classe, gênero ou origem, as quais foram transmitidas no contato com a sociedade por meio da família, do trabalho, do estudo ou de amigas (os). Elas também são geridas pelo contato com olhares externos (WEBER, 2004). Em meio a tal processo de autoconstrução, Luíza teve muitos repertórios gestados ainda na Paraíba, mas a maneira como ela se percebe também advém daquilo que presenciou posteriormente, o que inclui seus deslocamentos. Dessa maneira, parte da imagem de Erundina sobre a sua *nordestinidade* veio das relações construídas em São Paulo na medida em que era reconhecida pelo entorno como uma mulher paraibana. Nesse jogo relacional de trocas, ela pôde selecionar traços para construir sua autoimagem e, ao ouvir as lembranças de outras (os) migrantes, compor memórias e reformular suas identidades (THOMSON, 1997).

Em meio à lógica hierárquica das branquitudes, sendo uma mulher branca/loira, Luíza poderia ter certa abertura para se inserir socialmente no interior e na capital paraibana, o que seria mais difícil para mulheres negras ali residentes. Contudo, ao mudar-se para o sudeste, seu campo de possibilidades se modificou, passando a ser identificada como *menos branca* devido às discriminações existentes contra os migrantes nordestinos (SCHUCMAN, 2012).

Quanto às relações de gênero, ela construiu inicialmente a sua percepção enquanto mulher no contato com a família e pessoas próximas. Ao entrar na universidade, possivelmente participou de debates em torno da maternidade e em São Paulo criou relações com movimentos de mulheres, principalmente após iniciar sua carreira política. Todas essas referências e relações moldaram a identidade de gênero de Luíza, a qual pôde a partir disso se notar como rebelde ao ter optado em não ter filhos ou se casar. Além do mais, compreende-se como representante de pautas de mulheres

por interpretar posteriormente as opressões pelas quais passou e identificá-las com as experiências de outras pessoas.

A Luíza que trabalhou no Cordão Encarnado não tinha as mesmas experiências que aquela que rememora posteriormente os fatos. Apesar de se perceber como uma questionadora nata, não podemos dizer que Erundina nasceu com um olhar crítico sobre a sociedade, mas que teve contato com certas discussões nos períodos por ela vividos e nos grupos pelos quais circulava. Sendo assim, suas percepções acerca de um ideal de sociedade devem ser vistas como fruto de fatores espaço-temporais. Por último, e não menos importante, ao ter migrado em mais de uma ocasião para sobreviver ou para estudar, Luíza pôde perceber as opressões pelas quais passou, reformulá-las posteriormente e assim identificar-se como mulher, nordestina e militante.

Referências Bibliográficas

Fontes:

BIMBI, Linda. *Uma veia de utopia: a trajetória de Luiza Erundina de Sousa*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista567.pdf> Acesso em: 12/07/2019 às 16:20.

SOUSA, Luíza Erundina de. Fragmentos de uma história (in) comum. *Leia FELC*. Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE FILHO, R. de F. e. *Cidade, Seca e Campo de Concentração: O início da modernização em Crato, Ceará (1900 – 1933)*. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2015.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.
- FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.
- IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez [Lima, Peru] CELATS, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- PINTO, Céli Regina J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, nº 3, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Revista Estudos históricos*, v. 5, nº 10, 1992.
- SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, p. 47-59, 2001.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, nº 16, 1991.
- SILVA, Anália Barbosa; SILVA Diego Tabosa; SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. O Serviço Social no Brasil: das origens à renovação ou o “fim” do “início”. *4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais: 80 anos de serviço social, tendências e desafios*. Belo Horizonte: CRESS-MG, de 19 a 21 de maio de 2016.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo memórias: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, Vol. 15, 1997.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- WEBER, Regina. O avanço dos "italianos". *História em revista*. Pelotas, RS. Vol. 10 (dez. 2004), p. 75-94, 2004.